

Construir com aquilo que se tem

- Objetivos:**
1. Ajudar os alunos/jovens a refletir sobre a importância da motivação e criatividade no desenvolvimento de projetos;
 2. Compreender as implicações destes conceitos (motivação e criatividade) na prática de trabalhos diversos;
 3. Contribuir para o reconhecimento da importância da comunicação.

Tempo necessário: 90 minutos aproximadamente

- Materiais necessários:**
1. Caixas de papelão ou envelopes A4 para cada grupo. Cada caixa ou envelope terá de conter pelo menos 10 elementos diferentes, por exemplo, troncos e folhas de árvores, restos de ninhos, penas, castanhas, pedras, folhas de jornal ou revistas, tesouras, panos velhos, entre outros elementos considerados relevantes pelo professor, que previamente os deverá levar para a sala de aula;
 2. Mesas para realizar o exercício. Cada grupo de alunos deverá ter uma mesa à sua disposição. Na ausência da mesma, poderá fazê-lo no chão;
 3. Cartolina e marcadores.

- Procedimento:**
1. Prepare as caixas ou envelopes (um para cada pequeno grupo de 4 ou 5 membros cada) e coloque dentro das mesmas 10 elementos diferentes;
 2. Os 10 elementos a ser colocados dentro das caixas/envelopes deverão ser elementos sem valor e sem um objetivo específico, que o professor deve recolher. É importante que haja variedade de elementos nas caixas. As caixas devem ter o mesmo número de elementos, mas não necessariamente os mesmos;
 3. Divida a turma em pequenos grupos de 4-5 elementos cada, que se devem sentar em torno de uma mesa;
 4. Apresente os objetivos do exercício aos grupos;
 5. Distribua as caixas pelas mesas, pedindo aos participantes que não as abram antes de receber o sinal e serem apresentadas as regras do jogo;
 6. Apresente de seguida as regras do jogo:
 - a) Cada grupo recebeu uma caixa com 10 elementos diferentes, que poderão ser utilizados para construir alguma coisa que tenha sentido real ou figurativo;
 - b) O grupo deve trabalhar em silêncio. É proibido falar ou utilizar alguma forma de linguagem gestual;
 - c) O grupo pode procurar mais 3 elementos para além dos que lhe foram distribuídos na caixa/envelope;
 - d) Os grupos têm 15 minutos para completar a tarefa.
 7. Depois de ter apresentado as regras e prestado os esclarecimentos pedidos pelos participantes, o professor dá o sinal para que se iniciem os trabalhos;
 8. Passados 15 minutos, o professor dá o sinal para terminar o trabalho nos pequenos grupos;

Procedimento: 9. O professor convida os participantes a conhecerem as "obras-primas" construídas pelos outros grupos;
(continuação)

10. No fim os participantes deverão votar na melhor construção, atribuindo uma pontuação de zero a cinco (os grupos não votam no seu próprio trabalho). Ganha o trabalho que receber mais pontos.

Reflexão no pequeno grupo: O professor pede que os participantes do mesmo grupo de trabalho se reúnam à volta da sua mesa para refletir sobre a experiência de grupo:

1. O que é que aconteceu no grupo durante os 15 minutos de construção?
2. Foi fácil ou difícil fazer uma construção com sentido? Porquê?
3. Quais foram os momentos de maior dificuldade e de maior ação?
4. O que é que ajudou o grupo a construir algo com algum sentido? Porquê?
5. O que é que jogo nos pode dizer sobre recuperação, proteção e preservação ambientais?

Plenário: Terminada a reflexão, regressa-se ao plenário, onde, de modo informal e oralmente, os participantes partilham a reflexão sobre as questões 1, 2 e 3;

As respostas às questões 4 e 5 são registadas num cartaz;

O professor termina a sessão com uma síntese, tecendo algumas considerações sobre os aspetos mais salientes da reflexão, dando o exemplo que, da mesma forma que olhamos para peças soltas e não as valorizamos, também olhamos para Parques e Áreas Protegidas e apenas as associamos a mato;

Assim como se construíram obras-primas com materiais que à partida nada diziam aos alunos, é fundamental reconhecer a importância do Parque, e tudo o que ele envolve (património natural e cultural, fauna, flora, etc.).

É possível construir com aquilo que se tem!

NOTA

A ausência da troca de impressões (materializada na atividade pela impossibilidade de comunicar) pode levar a interpretações diversas e por vezes incorretas. Daí na reflexão pedir-se que cada um exprima o seu sentimento em relação ao que construiu, encontrando-se interpretações muito diferentes.

Muda a História

APRESENTAÇÃO

Pretende-se com a presente atividade ajudar os alunos a refletir sobre a importância do PNRVT, indicando de forma livre e criativa (finalização de uma história incompleta que lhes é fornecida) diferentes propostas para sua divulgação.

- Objetivos:**
1. Promover uma reflexão crítica sobre a importância PNRVT.
 2. Apresentar propostas criativas e originais de divulgação do Parque, junto das comunidades locais.

Tempo necessário: 90 minutos

Materiais necessários: Fotocópia dos textos relativos à “história sem final”.
Papel e caneta (ou lápis).

- Procedimento:**
1. O professor apresenta a atividade, referindo que vai ser distribuída uma história que termina de forma incompleta, cabendo a cada aluno redigir o final que considera mais adequado para a mesma;
 2. O professor distribui a cada aluno uma fotocópia da história;
 3. O professor informa os alunos que terão 45 minutos para pensar e redigir um final para a história;
 4. Após 45 minutos o professor pede a cada aluno que leia o final que construiu para a história;
 5. Os alunos, com a supervisão do professor, fazem uma análise comentada sobre os vários finais apresentados;
 6. No fim da atividade o professor regista as propostas consideradas adequadas.

Representar o PARQUE

APRESENTAÇÃO

Com esta atividade pretende-se que os alunos, a partir do conjunto de palavras apresentado, realizem dramatizações sobre o PNRVT.

Com esta metodologia participativa espera-se que os alunos fiquem (in)formados e sensibilizados para a importância de preservação do Parque e valorização da cultura regional.

Tempo necessário: dois blocos de 90 minutos

- Procedimento:**
1. Divide-se a turma em grupos de 5 ou 6 elementos, de acordo com o número de alunos da mesma;
 2. O professor distribui a cada grupo uma fotocópia com a lista de palavras sugerida ou, tendo em conta o ano de escolaridade, as características da turma e conteúdos lecionados, seleciona as palavras que considera adequadas, podendo acrescentar outras que considere relevantes;
 3. O professor propõe aos alunos a construção do guião de uma dramatização que deverá incluir entre 10 e 15 palavras da lista fornecida;
 4. Com a ajuda do professor, os alunos constroem os personagens de acordo com o guião elaborado;
 5. Cada grupo apresenta à turma a sua dramatização, que não deverá exceder 10 minutos, à qual se seguirá uma reflexão e debate orientado sobre as mensagens contidas nas mesmas. Essa reflexão deve conduzir à apresentação de um conjunto de atividades e comportamentos dos alunos, em diferentes contextos da sua vida com o objetivo de contribuir para a preservação do Parque e valorização da cultura regional.

Sugestão: Os alunos, com o auxílio do professor, podem organizar uma sessão alargada a toda a comunidade escolar, para apresentar as suas dramatizações, como forma de sensibilizar o público para as questões relacionadas com a conservação dos valores naturais e culturais existentes no Parque Natural Regional do Vale do Tua - PNRVT.

Representar o PARQUE

Rio	Cultura
Miradouro	Paisagem
Alheira	Natureza
Caminhar	Símbolo
Montanha	Passado
Ponte	Tranquilidade
Preservar	Beleza
Árvore	Simplicidade
Moinho	Valorizar
Lavrar	Proteger
Morcego	Sustentável
Anta	Habitat
Aprender	Diversificado
Património	Termas
Explorar	Vida
Tesouro	Fraga
Descobrir	Conservar
Viagem	Caminho-de-ferro
Identidade	Castelo
História	Igreja

SOLUÇÕES

F	G	B	N	H	Y	J	I	A	X	S	D	F	E	R	D	A	T	V	I	A	L	A	S	U
P	A	R	Q	U	E	I	G	B	O	S	Q	U	E	G	T	H	J	I	A	D	A	E	G	T
A	F	R	D	F	B	G	T	S	F	Ã	A	B	G	T	D	O	U	R	O	A	V	F	D	O
O	G	S	T	P	R	O	T	E	Ç	Ã	O	A	J	U	J	G	D	S	A	E	C	E	J	O
A	D	N	U	U	M	J	F	A	D	A	F	O	L	A	R	I	A	D	O	S	I	I	A	
I	M	I	A	R	A	I	T	E	S	H	E	S	A	Z	S	A	R	F	O	I	E	C	S	G
A	D	F	V	T	V	N	R	W	S	A	M	E	M	Ó	R	I	A	T	A	L	R	É	O	R
C	A	G	G	R	U	F	Y	A	D	D	S	E	A	Y	C	A	I	A	S	A	G	P	S	O
R	N	D	T	I	T	R	D	S	D	G	R	E	S	L	E	E	B	Ç	A	V	B	S	R	T
O	U	T	I	L	U	A	E	D	A	O	E	B	E	R	H	A	F	O	A	A	E	U	U	
A	A	L	A	H	T	G	D	Z	D	T	U	D	O	S	S	E	R	E	S	J	T	R	C	R
Ç	F	S	H	O	R	I	K	D	A	R	I	R	E	S	T	Y	I	A	D	Q	T	R	E	I
B	Z	F	O	E	A	G	T	A	T	R	K	R	O	O	I	G	D	R	D	R	U	Y	R	S
A	A	C	H	S	D	E	G	V	D	O	D	I	V	E	R	S	I	D	A	D	E	E	U	M
R	A	Ú	N	G	I	G	P	E	S	Q	U	I	S	A	I	V	R	R	S	I	D	A	D	O
R	A	G	I	D	Ç	S	G	A	E	R	D	F	I	R	H	F	S	A	E	D	S	A	A	U
A	T	R	R	M	Ã	V	M	I	C	R	O	R	R	E	S	E	R	V	A	M	I	M	C	E
G	M	E	U	V	O	C	D	E	R	I	H	D	N	B	A	S	D	F	G	H	L	B	J	D
E	A	C	O	D	U	S	I	N	A	L	É	T	I	C	A	S	P	É	C	I	E	I	V	U
M	X	I	L	V	T	B	N	M	N	R	E	C	U	R	S	O	S	O	T	A	U	E	G	C
O	P	C	E	J	A	I	F	D	O	G	K	O	S	U	P	V	P	R	A	T	E	N	V	A
X	O	L	P	U	N	H	P	S	C	H	U	M	O	N	T	A	N	H	A	V	V	T	X	Ç
C	M	A	T	K	M	P	O	B	O	T	E	R	M	A	S	P	T	V	A	P	E	E	P	A
V	B	R	N	P	O	P	C	M	I	C	O	P	D	M	P	A	T	R	I	M	Ó	N	I	O
D	S	O	B	R	E	I	R	O	I	M	E	F	L	O	R	A	H	S	O	A	C	P	E	P

Agroturismo

Alheira

Ambiente

Ave

Barragem

Bosque

Diversidade

Douro

Espécie

Fauna

Flora

Folar

Javali

Termas

Tradição

Trilho

Tua

Memória

Microrreservas

Miradouro

Montanha

Natureza

Parque

Património

Pelourinho

Pesquisa

Proteção

Recursos

Sinalética

Sobreiro

VALE de Letras

F	G	B	N	H	Y	J	I	A	X	S	D	F	E	R	D	A	T	V	I	A	L	A	S	U
P	A	R	Q	U	E	I	G	B	O	S	Q	U	E	G	T	H	J	I	A	D	A	E	G	T
A	F	R	D	F	B	G	T	S	F	Ã	A	B	G	T	D	O	U	R	O	A	V	F	D	O
O	G	S	T	P	R	O	T	E	Ç	Ã	O	A	J	U	J	G	D	S	A	E	C	E	J	O
A	D	N	U	U	M	J	F	A	D	A	F	O	L	A	R	I	A	D	O	S	I	I	I	A
I	M	I	A	R	A	I	T	E	S	H	E	S	A	Z	S	A	R	F	O	I	E	C	S	G
A	D	F	V	T	V	N	R	W	S	A	M	E	M	Ó	R	I	A	T	A	L	R	É	O	R
C	A	G	G	R	U	F	Y	A	D	D	S	E	A	Y	C	A	I	A	S	A	G	P	S	O
R	N	D	T	I	T	R	D	S	D	G	R	E	S	L	E	E	B	Ç	A	V	B	S	R	T
O	U	T	I	L	U	A	E	D	A	O	E	B	E	R	H	A	F	O	A	A	A	E	U	U
A	A	L	A	H	T	G	D	Z	D	T	U	D	O	S	S	E	R	E	S	J	T	R	C	R
Ç	F	S	H	O	R	I	K	D	A	R	I	R	E	S	T	Y	I	A	D	Q	T	R	E	I
B	Z	F	O	E	A	G	T	A	T	R	K	R	O	O	I	G	D	R	D	R	U	Y	R	S
A	A	C	H	S	D	E	G	V	D	O	D	I	V	E	R	S	I	D	A	D	E	E	U	M
R	A	Ú	N	G	I	G	P	E	S	Q	U	I	S	A	I	V	R	R	S	I	D	A	D	O
R	A	G	I	D	Ç	S	G	A	E	R	D	F	I	R	H	F	S	A	E	D	S	A	A	U
A	T	R	R	M	Ã	V	M	I	C	R	O	R	R	E	S	E	R	V	A	M	I	M	C	E
G	M	E	U	V	O	C	D	E	R	I	H	D	N	B	A	S	D	F	G	H	L	B	J	D
E	A	C	O	D	U	S	I	N	A	L	É	T	I	C	A	S	P	É	C	I	E	I	V	U
M	X	I	L	V	T	B	N	M	N	R	E	C	U	R	S	O	S	O	T	A	U	E	G	C
O	P	C	E	J	A	I	F	D	O	G	K	O	S	U	P	V	P	R	A	T	E	N	V	A
X	O	L	P	U	N	H	P	S	C	H	U	M	O	N	T	A	N	H	A	V	V	T	X	Ç
C	M	A	T	K	M	P	O	B	O	T	E	R	M	A	S	P	T	V	A	P	E	E	P	A
V	B	R	N	P	O	P	C	M	I	C	O	P	D	M	P	A	T	R	I	M	Ó	N	I	O
D	S	O	B	R	E	I	R	O	I	M	E	F	L	O	R	A	H	S	O	A	C	P	E	P

Procura no quadro acima, as 30 palavras relacionadas com o PNRVT que se seguem:
(Encontrarás as palavras na vertical, horizontal e na diagonal)

Agroturismo
Alheira
Ambiente
Ave
Barragem
Bosque
Diversidade
Douro
Espécie
Fauna

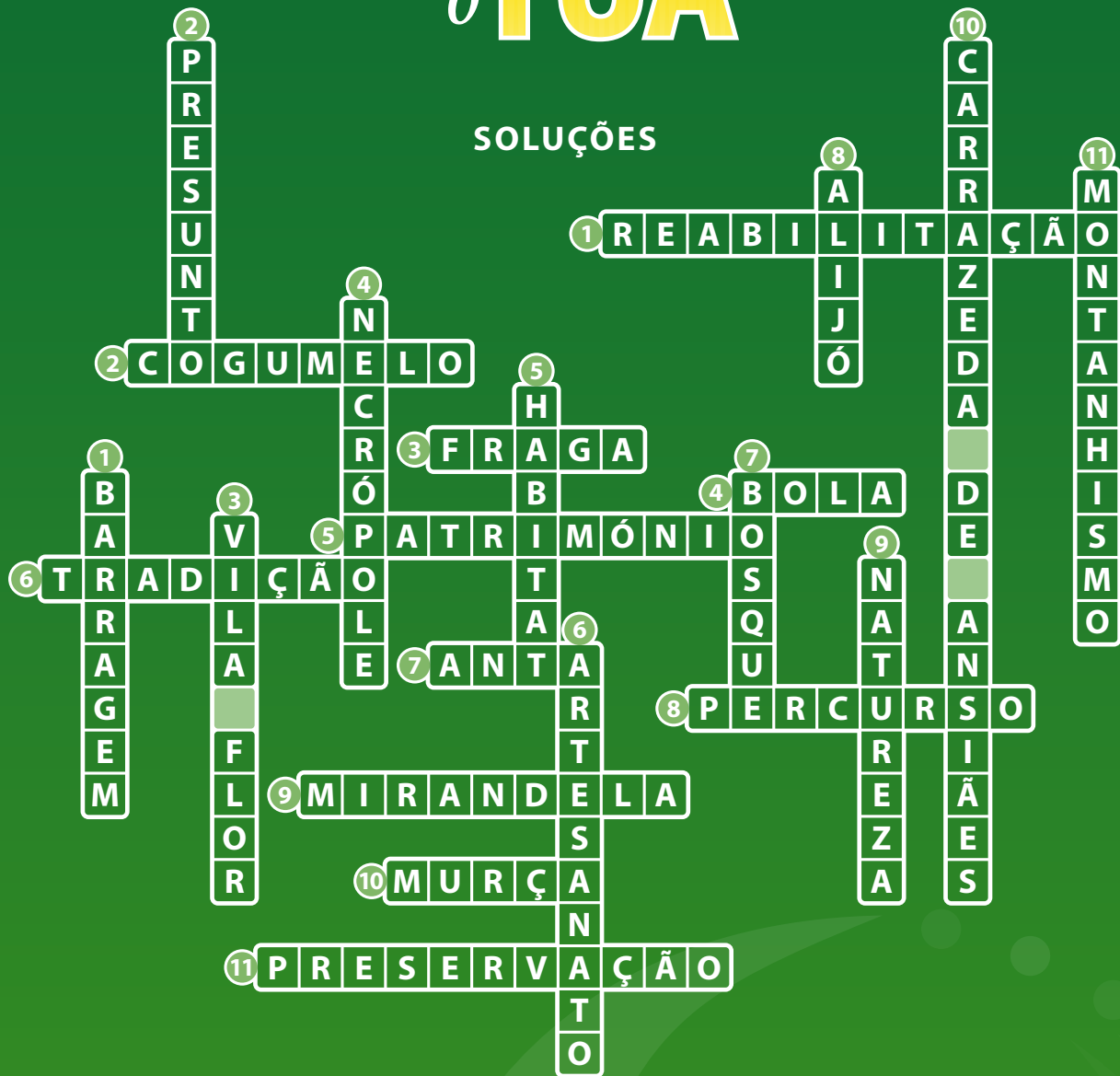
Flora
Folar
Javali
Termas
Tradição
Trilho
Tua
Memória
Microrreservas
Miradouro

Montanha
Natureza
Parque
Património
Pelourinho
Pesquisa
Proteção
Recursos
Sinalética
Sobreiro

Bom Trabalho!

Cruzar o TUA

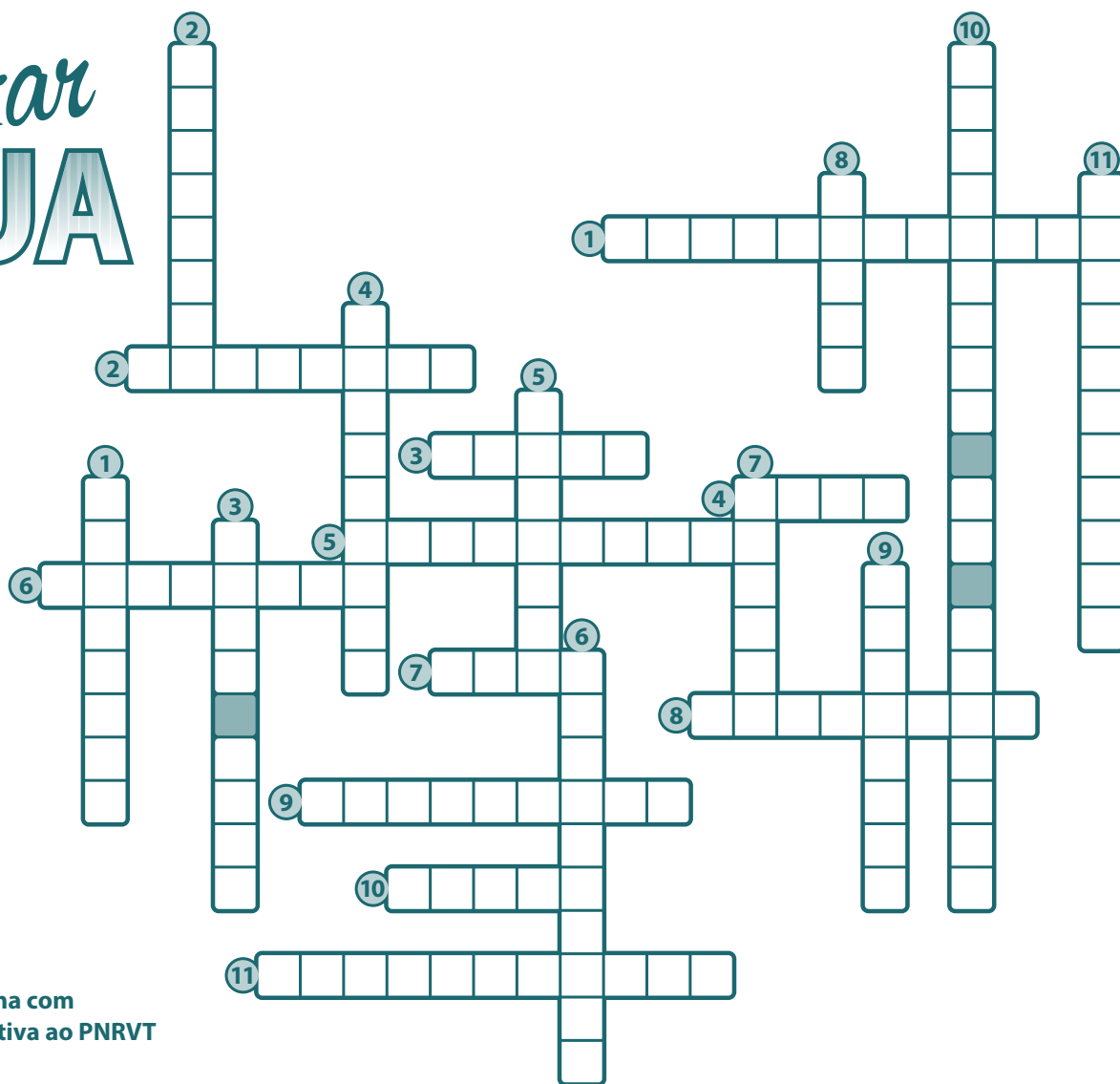
SOLUÇÕES



HORIZONTAIS ← T VERTICAIS

- Reabilitação (1) Barragem
- Cogumelo (2) Presunto
- Fraga (3) Vila Flor
- Bola (4) Necrópole
- Património (5) Habitat
- Tradição (6) Artesanato
- Anta (7) Bosque
- Percurso (8) Alijó
- Mirandela (9) Natureza
- Murça (10) Carrazeda de Ansiães
- Preservação (11) Montanhismo

Cruzar o TUA



Preenche a grelha com
informação relativa ao PNRVT

HORIZONTAIS ↔ VERTICAIS

- 1** *s.f.* Ato ou efeito de reabilitar-se ou de ser reabilitado. Reparar. Renovar. Ajudar à reinserção social.
- 2** *s.m.* Designação dada às frutificações de alguns fungos basidiomicetes e ascomicetes, muitas das quais são comestíveis outras são venenosas ou mesmo letais.
- 3** *s.m.* Encosta pedregosa difícil de subir. Brenha. Penhasco. Pedregulho.
- 4** *s.f.* Objeto redondo ou oval que pode ser utilizado para praticar vários desportos; Bolo ou pão feito geralmente com carnes.
- 5** *s.m.* Bem ou conjunto de bens, materiais ou imateriais, reconhecidos pela sua importância cultural.
- 6** *s.f.* Símbolo, memória, recordação, uso, hábito.
- 7** *s.f.* Monumento megalítico funerário composto por duas ou mais pedras verticais, que sustentam uma pedra horizontal. Mamífero de grande porte, da família dos tapirídeos com pelagem acastanhada e tromba flexível.
- 8** *s.m.* Caminho ou rota turística.
- 9** Cidade do Norte de Portugal, também conhecida como a "Princesa do Tua".
- 10** Vila portuguesa do Distrito de Vila Real, cujo ex-libris é uma escultura representando uma das divindades do povo celta.
- 11** *s.f.* Ato ou efeito de preservar ou de preservar-se. Resguardar. Proteger.
- 1** *s.f.* Obra que se efetiva em rio, ribeira ou canal, com o fim de aproveitar a água para irrigação ou acionar turbinas produtoras de energia elétrica.
- 2** *s.m.* Produto alimentar do ramo da charcutaria, formado pela perna ou espádua posterior inteira do porco, depois de salgada e curada.
- 3** Vila portuguesa pertencente ao distrito de Bragança, localizada a mais de 500m de altitude.
- 4** *s.f.* Cemitério grandioso ou cripta.
- 5** *s.m.* Ambiente ou conjunto de condições e circunstâncias físicas e geográficas onde vive e se desenvolve qualquer ser organizado.
- 6** *s.m.* Conjunto de peças ou produtos resultantes da atividade de artesãos.
- 7** *s.m.* Coberto vegetal formado por ervas, arbustos e algumas árvores, que se encontram bastante afastadas entre si. Arvoredo. Pequena floresta. Mata.
- 8** Vila portuguesa do Distrito de Vila Real, onde, em agosto, decorrem as Festas de Santa Maria Maior.
- 9** *s.f.* Conjunto formado pelo mundo natural e os seus fenómenos. Universo físico (não inclui as construções do homem). Qualidades, essência ou modo de ser das coisas e das pessoas.
- 10** Vila portuguesa, pertencente ao Distrito de Bragança, cujas armas incluem um escudo prateado com um cacho de uvas.
- 11** *s.m.* Atividade desportiva praticada em montanhas, que exige boa condição física. Escalada. Ascensão de montanhas.

APRESENTAÇÃO

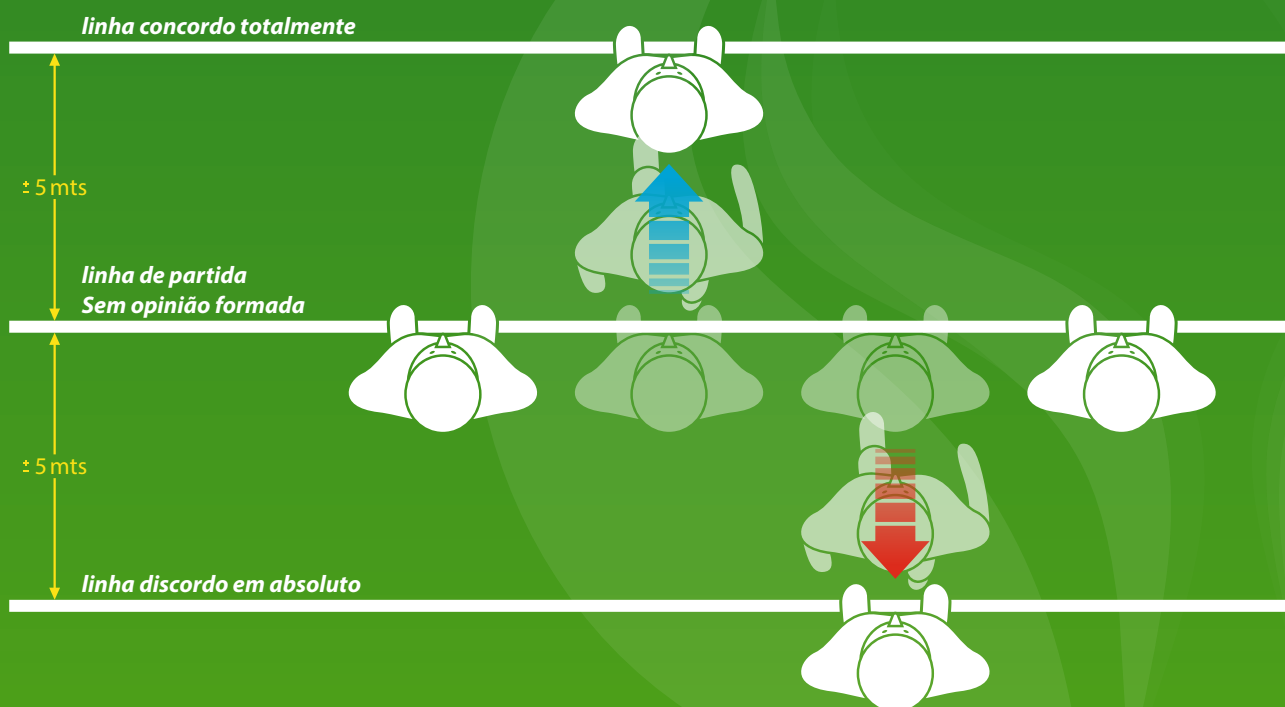
Pretende-se com a presente atividade promover uma reflexão com jovens, a partir dos 12 anos, sobre a importância da existência de Parques Naturais e conservação da natureza, relacionando-as com as suas atitudes e ações no dia-a-dia. Após a conclusão da atividade o professor promove uma reflexão sobre a importância da conservação da natureza e de atitudes de preservação ambiental.

PROCEDIMENTO

1. Desenhe no chão três linhas paralelas com cerca de 5 metros de distância entre si, identificando a linha de partida (linha do meio), a linha concordo totalmente e a linha discordo em absoluto.
2. Posicione todos os participantes, lado a lado, sobre a linha central (linha de partida).
3. Informe os participantes que irá ler algumas afirmações, devendo estes avançar ou retroceder, um ou mais passos em função da sua opinião, relativamente às afirmações que irão ouvir.
4. O professor lê em voz alta cada uma das afirmações fornecidas no verso desta ficha.
5. Depois de cada afirmação, o professor dá uns segundos para que os participantes avancem em direção à linha concordo totalmente ou retrocedam em direção à linha discordo em absoluto. Aqueles que não possuem uma opinião formada em relação à afirmação lida, não se deslocam.
6. Depois de os alunos assumirem a sua posição, o professor deve ouvir primeiramente a justificação daqueles que se encontram mais afastados da linha central na direção a linhas concordo totalmente e discordo em absoluto, promovendo um pequeno debate.
7. A atividade termina quando o professor enuncia todas as afirmações constantes do anexo.
8. O professor, no final, orienta uma reflexão sobre conservação da natureza, preservação ambiental e a importância da existência de parques naturais, etc.

Tempo necessário: 90 minutos

Nota: Esta atividade deve ter lugar ao ar livre, devendo utilizar-se uma área ampla, por exemplo o pátio da escola.



Barómetro do VALE

FRASES PARA A REFLEXÃO

①

Um Parque Natural tem como objetivo preservar o património.

②

Os Parques Naturais alteram as paisagens onde se inserem.

③

Os Parques Naturais contribuem para a valorização do ambiente e melhoria da qualidade de vida da população.

④

A construção de Parques Naturais altera a identidade das regiões.

⑤

Os Parques Naturais são áreas destinadas à observação científica e ao estudo da natureza.

⑥

O PNRVT tem contribuído para a manutenção da Biodiversidade.

⑦

A Instalação de postes com caixas-abrigo para morcegos, na área do PNRVT, é a solução para a eliminação de pragas agrícolas na vinha, no olival e no sobreiral.

⑧

A criação da Rede de Percursos Pedestres do PNRVT, veio revitalizar e dinamizar a economia local.

Batalha no VALE

APRESENTAÇÃO

Com esta atividade pretende-se que os alunos, de modo divertido, envolvente e dinâmico, que alude ao tradicional jogo da “batalha naval”, revelem e adquiram conhecimentos sobre o Parque Natural Regional do vale do Tua. Joga-se a tradicional “batalha naval”, com novos elementos que substituem as embarcações e uma nova regra: sempre que um dos jogadores destruir um elemento, tem que responder a uma questão sobre o PNRVT. Após a conclusão do jogo, os alunos, com a ajuda do professor, devem refletir sobre as questões abordadas e sobre a melhor forma de agirem, tendo em vista uma atitude de proteção e preservação ambiental, redigindo-se um conjunto de recomendações.

PROCEDIMENTO

1. Divide-se a turma em grupos de 4 - 6 elementos;
2. Distribui-se uma base do jogo (que pode ser fotocopiada) a cada grupo;
3. Apresentam-se os cinco elementos em jogo, de acordo com a forma estilizada fornecida:
 - 1 (uma) anta;
 - 1 (uma) alheira;
 - 1 (um) comboio;
 - 2 (duas) cestas de vime;
 - 3 (três) caixas-abrigo.
4. Pede-se aos alunos que posicionem os 5 (cinco) elementos propostos, desenhando-os a tinta indelével, na base fornecida (base direita);
5. Na base esquerda cada grupo deve posicionar os seus elementos;
6. Em cada grupo os alunos escolhem um porta-voz, que é responsável por transmitir as coordenadas de cada jogada (que corresponde a três disparos) e registar, na base do jogo, o resultado das jogadas do grupo concorrente;
7. Sempre que um grupo destruir um elemento do outro grupo, tem que responder a uma questão sobre o PNRVT, seguindo a ordem das perguntas que se apresentam;
8. O porta-voz (ouvido o grupo) tem um minuto para responder.
 - 8.1. Se acertar na resposta tem direito a disparar novamente;
 - 8.2. Se a resposta estiver errada, ou não houver resposta, o outro grupo iniciará os disparos;
9. O jogo termina quando um dos grupos vir todos os seus elementos destruídos.
10. Assinalar o resultado de cada batalha, e no fim das 3 rondas, ganha o grupo que vencer o maior nº de batalhas.

PERGUNTAS <—> RESPOSTAS

- Qual o significado da sigla PNRVT? <1> Parque Natural Regional do Vale do Tua.
- Quais os municípios integrados no PNRVT? <2> Alijó, Murça, Vila Flor, Carrazeda de Ansiães e Mirandela.
- Qual a vegetação natural mais característica do PNRVT? <3> Bosques de sobreiro.
- Qual o primeiro Parque Natural Regional do país? <4> PNRVT
- Qual o significado da sigla CIVT? <5> Centro Interpretativo do Vale do Tua.
- Quantas são as portas de entrada do PNRVT? <6> Cinco “Portas de Entrada”.
- Onde se pode visitar a Fraga do Ovo? <7> Candoso, Vila Flor.
- Em que município se situam as “Caldas de Carlão/ Sta Maria Madalena”? <8> Murça.
- Como se controlam as Pragas Agrícolas e Florestais no PNRVT? <9> Colocação de “caixas-abrigo” para os morcegos.
- Quantas microrreservas possui o Vale do Tua? <10> Sete microrreservas.
- Quais são as três rotas temáticas do PNRVT? <11> Património, água e miradouros.
- Quais os temas principais do Centro Interpretativo do Vale do Tua? <12> O vale, a linha do Tua e a barragem.
- Quem foi o responsável pelo projeto do Edifício do Aproveitamento Hidroelétrico de Foz Tua? <13> Eduardo Souto Moura.
- Que modos de transporte combina o plano de recuperação da Linha do Tua? <14> Autocarro, barco e comboio.
- Qual a designação de uma das mais emblemáticas construções férreas de montanha situada na região do PNRVT? <15> Linha do Tua.

Caixas de Abrigo para morcegos

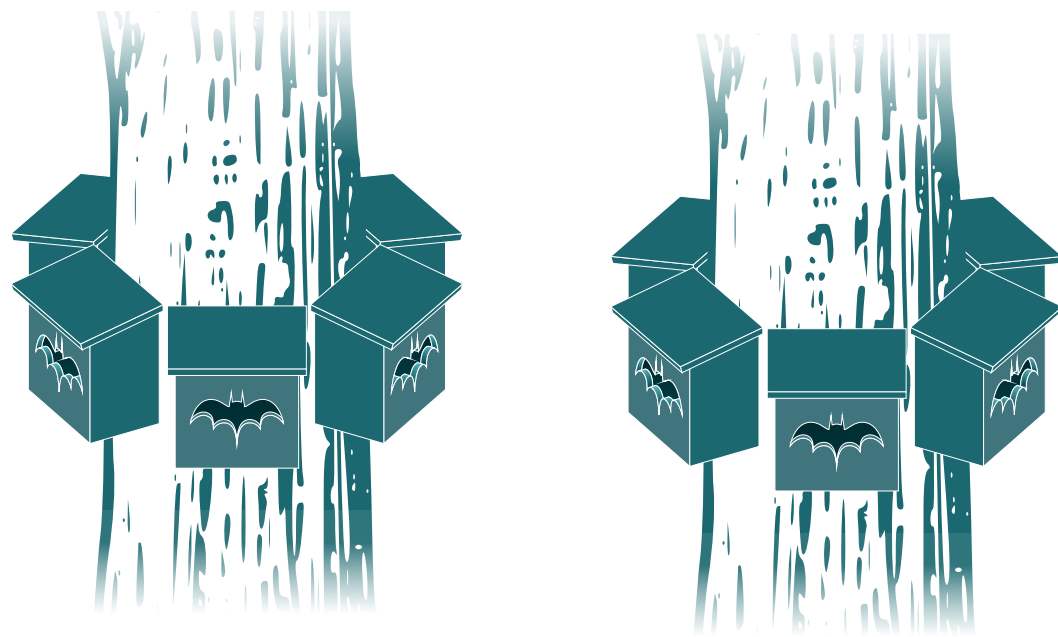
O PNRVT desde 2016 tem vindo a desenvolver um projeto, que visa o controlo de pragas agrícolas e florestais por morcegos, com a colocação de caixas-abrigo para criar maior proximidade em terrenos como a vinha, olival e sobreiral. Normalmente, os abrigos artificiais para morcegos arborícolas são caixas feitas em madeira com características que se assemelham a um abrigo natural, podendo estes serem colocados em árvores, postes ou edifícios. Assim, através da predação que os morcegos exercem, é possível reduzir o impacto das pragas agrícolas, diminuindo os gastos e a necessidade de recorrer a inseticidas e pesticidas. Durante uma noite um morcego pode ingerir mais de metade do seu peso em insetos, além disso, não fazem qualquer estrago nas culturas.

Os abrigos deverão ser instalados preferencialmente próximo de pontos de água ou em estruturas edificadas junto a fontes de luz, uma vez que estas são áreas preferenciais para alimentação.

As caixas deverão ficar bem fixas em árvores ou outras estruturas a uma altura mínima de 3 metros, sendo preferencial entre os 4 e os 6 metros.

Devem ser colocadas com uma orientação a sul, para que apanhem luz direta do sol pelo menos durante 6h/dia.

Devem estar mesmo abaixo da copa da árvore e não ter ramos que possam dificultar a entrada dos morcegos na caixa.



QUESTÕES

1. O que são as caixas abrigo para morcegos?
2. Quais as vantagens de instalar caixas abrigo para morcegos?
3. Onde devem ser instaladas as caixas abrigo?
4. Porque devem ser colocadas com uma orientação a sul?

À volta do PARQUE

Objectivos: Contribuir para melhoria dos conhecimentos dos alunos relativamente à cultura e história dos ícones da região.

Tempo necessário: 90 minutos aproximadamente

Materiais necessários: 1. Fotocópia dos textos “A lenda da Porca de Murça”, “As origens da alheira” e “Caixas abrigo para morcegos”.
2. Papel e caneta ou lápis para responder às questões.

Procedimento: 1. O professor distribui a fotocópia do(s) texto(s) e as respetivas questões pelos alunos.
2. O professor informa que os alunos terão 30 minutos para ler o texto e responder às questões.
3. Ao fim de 30 minutos os alunos leem em voz alta as suas respostas e os colegas, com a supervisão do professor, procedem à reflexão e comentários sobre as mesmas.
4. Sempre que possível o professor complementa a informação contida nos textos e comentários dos alunos.
5. O professor termina a atividade com uma síntese das informações/aspectos mais importantes da reflexão.

NOTA

Esta atividade pode ser realizada individualmente ou em grupos de dois elementos.

A lenda da Porca de Murça

Contam as gentes mais antigas da vila de Murça que, há tempos imemoriais, os seus habitantes andavam atormentados. A causa desse tormento era uma ursa, feroz e esfomeada, que atacava a povoação em busca de alimento. Violentava as pessoas e chegava mesmo a comer crianças se as apanhasse.

Revoltados de tanto sofrer com a morte dos seus familiares e amigos, os habitantes resolveram enfrentar o medo e lutar contra o feroz animal.

Reuniram-se os homens mais fortes da aldeia, traçaram planos e foram à procura da ursa. Foi travada uma luta, chegando mesmo alguns deles a ficar feridos. Mas a ursa saiu derrotada e morta.

Os habitantes regressaram às suas casas vitoriosos e contentes. Mandou-se fazer, para que este feito não fosse esquecido, a estátua de uma ursa em pedra, que foi implantada na praça da povoação, e mudou-se-lhe o nome para Murça, em homenagem à coragem dos heróis que salvaram a população.

Hoje, Murça é uma vila e ainda existe lá a estátua em pedra que é conhecida como a porca de Murça

- AA. VV., - Literatura Portuguesa de Tradição Oral s/l, Projecto Vercial - Univ. Trás-os-Montes e Alto Douro, 2003, p.L21



QUESTÕES

1. Porque andavam os habitantes de Murça atormentados?
2. O que fizeram os habitantes para enfrentar a ursa?
3. Qual foi o resultado da ação dos habitantes?
4. O que foi feito em homenagem aos heróis que salvaram a população?

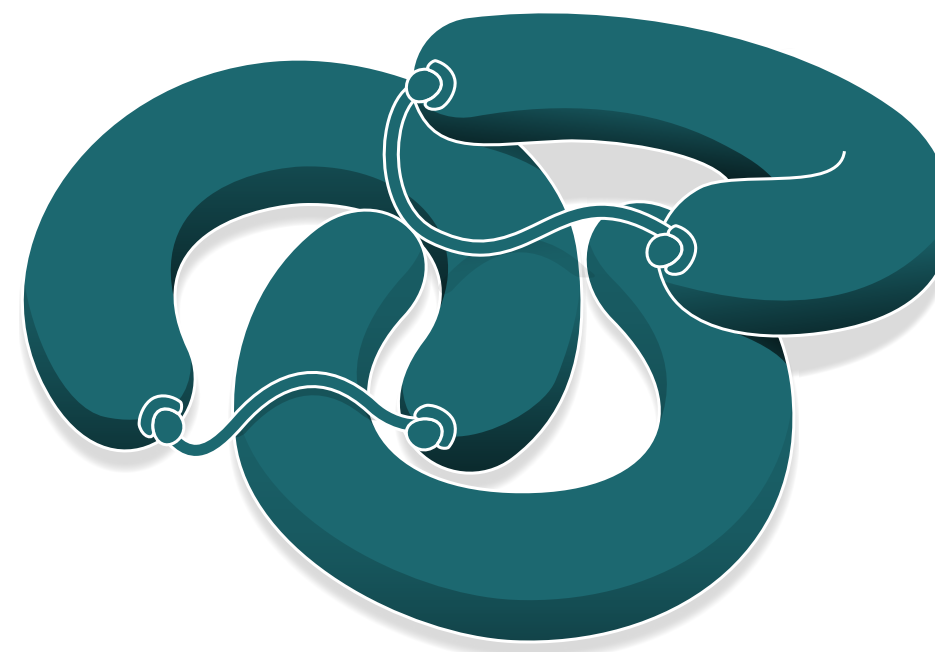
As origens da alheira

Pensa-se que a origem da alheira remonta aos finais do século XV e princípios do século XVI estando associada à presença dos judeus em Trás-os-Montes. Como a sua religião não lhes permitia comer carne de porco, e por isso não faziam nem fumavam os habituais enchidos, eram facilmente identificáveis pela Inquisição. Assim, decidiram usar outros tipos de carnes e envolvê-las numa massa de pão

Segundo Francisco Manuel Alves, conhecido por Abade de Baçal, esta necessidade surgiu devido à perseguição que a Inquisição fazia aos judeus: "(...) não podendo estes comer carne de porco por imposição da sua fé, imaginaram um enchido que, embora semelhante aos enchidos que por essa época eram o prato forte das gentes, não levasse a carne proibida".

O Abade de Baçal chegou a designar a alheira como o "chouriço judeu". Esta iguaria também chegou a ser chamada de "chouriça da resistência", devido a este produto ter sido criado através da necessidade de os judeus fingirem consumir um enchido, mas sem carne de porco.

A receita acabou por se popularizar entre os cristãos que, por fim, lhe acrescentaram a carne de porco.



QUESTÕES

1. Quando se pensa que surgiu a alheira?
2. Em que região surgiu a alheira?
3. Por que razão surgiu a alheira?
4. Por que outros nomes chegou a ser conhecida a alheira?